

O TORCEDOR POR DETRÁS DO RÓTULO: CARACTERIZAÇÃO E PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA DE JOVENS TORCEDORES ORGANIZADOS

*THE FAN BEHIND THE LABEL: CHARACTERIZATION AND PERCEPTION OF
VIOLENCE BY YOUNG MEMBERS OF BRAZILIAN ORGANIZED FOOTBALL FAN
GROUPS*

*EL HINCHA DETRÁS DE LA ETIQUETA: CARACTERIZACIÓN Y PERCEPCIÓN
DE LA VIOLENCIA DE JÓVENES INTEGRANTES DE TORCIDAS
ORGANIZADAS BRASILEÑAS*

Heloisa Helena Baldy dos Reis^{*}, Felipe Tavares Paes Lopes^{}**

Palavras chave:

Violência.
Futebol.
Adolescente.
Imprensa.

Resumo: Nesta pesquisa, buscamos caracterizar os jovens torcedores organizados quanto à sua idade, nível de instrução, estado civil e organização familiar. Buscamos, também, descrever e analisar sua percepção da violência no futebol, bem como da relação entre essa violência e a mídia esportiva. A fim de cumprir tais objetivos, adotamos uma metodologia quanti-qualitativa, que combinou pesquisas estatística, bibliográfica, documental e de campo. Entre outras coisas, os resultados obtidos sugerem que muitas das generalizações feitas pelos meios de comunicação dos referidos torcedores não encontram respaldo empírico.

Keywords:

Violence.
Soccer.
Adolescent.
Press.

Abstract: This research aimed to characterize young members of Brazilian organized football fan groups (*torcidas organizadas*) considering their age, education level, marital status and family organization. We also aimed to describe and analyze their perception of violence in football, as well as their perception of the relationship between such violence and sports media. To achieve these goals, we adopted a methodology that is both quantitative and qualitative, combining bibliographic, documental and field research. Among other things, the results suggest that many generalizations made by the media about those fans do not find empirical support.

Palabras clave:

Violencia.
Fútbol.
Adolescente.
Prensa.

Resumen: En esta investigación nos proponemos caracterizar a los jóvenes integrantes de las torcidas organizadas brasileñas a partir de su edad, nivel educativo, estado civil y organización familiar. Pretendemos, también, describir y analizar su percepción de la violencia en el fútbol, así como la relación entre esa violencia y la prensa deportiva. Para cumplir con estos objetivos, hemos adoptado una metodología cuantitativa y cualitativa que combinó pesquisa estadística, bibliográfica, documental y de campo. Entre otras cosas, los resultados obtenidos sugieren que muchas de las generalizaciones hechas por los medios de comunicación sobre esos hinchas no tienen respaldo empírico.

*Universidade Estadual de Campinas.
Campinas, SP, Brasil.
E-mail: heloreis14@gmail.com

**Universidade de Sorocaba.
Sorocaba, SP, Brasil.
E-mail: lopesftp@gmail.com

Recebido em: 17-07-2015
Aprovado em: 20-12-2015



1 INTRODUÇÃO¹

A violência envolvendo torcedores de futebol é um fenômeno global e existe desde os primórdios do esporte, embora ela seja, frequentemente, percebida como um problema relativamente recente (ELIAS; DUNNING, 1993). No Brasil, estudos em perspectiva histórica (HOLLANDA, 2009) indicam a ocorrência de brigas e tumultos já no início do século XX, quando os clubes da zona sul carioca iam jogar nos subúrbios do Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, essas brigas e tumultos foram ganhando uma dimensão mais militarizada e passaram a figurar nas manchetes dos principais jornais e telejornais do país, sendo associados a um grupo específico de torcedores: os chamados “torcedores organizados”. Isto se deu, principalmente, após o assassinato, em 1988, de um dos dirigentes e fundadores da Mancha Verde (atual Mancha Alverde), uma das principais torcidas organizadas do Palmeiras (TOLEDO, 1996).

Em meados da década de 1990, após a chamada “batalha campal do Pacaembu”, quando torcedores do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram violentamente com paus e pedras, o poder público passou a tomar uma série de medidas – sobretudo de caráter repressivo (LOPES, 2012). Essas medidas, todavia, não foram suficientes para conter o avanço da violência. Prova disto é que, de acordo com Reis e colaboradores², após o episódio, foram registradas 47 das 70 mortes no futebol brasileiro computadas até dezembro de 2012. Em 2013, uma nova “batalha campal” voltou a “assombrar” a opinião pública. Na última rodada do Campeonato Brasileiro daquele ano, disputada entre Vasco da Gama e Atlético Paranaense, as torcidas de ambos os clubes brigaram e alguns torcedores foram espancados, ficando gravemente feridos. Entre os envolvidos nos confrontos, havia integrantes de torcidas organizadas dos dois clubes.

Diante dessa constatação, não tardou para que os setores mais conservadores da mídia esportiva passassem a solicitar, novamente, a extinção das torcidas organizadas. Setores que, com frequência, difundem uma visão amplamente moralista do fenômeno, que coloca em disputa valores morais como a família, ao mesmo tempo em que reduz o futebol a um “negócio como outro qualquer”, em que o torcedor não passa de um “ativo” do clube. Essa visão é expressa em discursos como aquele que pede “a volta das famílias aos estádios” ou, ainda, como o que afirma que “o torcedor é, acima de tudo, um consumidor” e que, por esta razão, deveria ser protegido. Discursos que, não raro, alimentam o expurgo das torcidas organizadas. Estas seriam responsáveis por todas e quaisquer mazelas do futebol brasileiro. Mais exatamente, seriam “terríveis excrescências”, o “lado podre”, a “doença do futebol” (LOPES, 2012).

De acordo com Teixeira (2003), as torcidas organizadas surgiram no final da década de 1960, reivindicando autonomia frente aos clubes e adotando um novo estilo de torcer, a fim de demarcar distinção em relação às charangas e aos outros grupos de torcedores da época. Ao longo dos anos, elas foram se tornando mais profissionais, burocráticas e empresariais. Na década de 1990, elas cresceram substantivamente e, conforme já foi antecipado, passaram a ser percebidas como as protagonistas da violência no futebol brasileiro. Não à toa, seus integrantes (sobretudo, os jovens do sexo masculino) costumam ser o principal alvo da polícia em revistas (muitas vezes vexatórias) em terminais de ônibus e estações de metrô, além de serem comumente rotulados de “vagabundos”, “marginais” e “bandidos” (LOPES, 2013).

Ao mesmo tempo em que apagam as diferenças e divisões existentes entre esses torcedores, esses rótulos sobre-estimam as diferenças “deles” em relação a “nós”. O torcedor

¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa n. 322/2007.

² *Pain and suffering in football: analysis of football-related fatalities in Brazil*. Submetido a uma revista e ainda em análise.

organizado é o “outro” – espécie de encarnação da própria maldade. Nesse sentido, tais rótulos despersonalizam-no, consolidando sua identidade social deteriorada em detrimento da sua identidade pessoal (LOPES, 2013). Mas quem são, de fato, esses torcedores? O que eles pensam? Nesta pesquisa, quisemos ir além dos rótulos. Para tanto, estabelecemos dois objetivos: primeiro, caracterizar os jovens torcedores organizados quanto à sua idade, nível de instrução, estado civil e organização familiar. Segundo, descrever e analisar sua percepção da violência no futebol, bem como da relação entre essa violência e a mídia esportiva.

Ao estabelecer esses objetivos, buscamos minimizar a falta de conhecimento sobre os torcedores organizados. Embora já exista certo corpo de produções qualitativas consistente sobre esses torcedores, há poucos dados estatísticos sobre eles. Uma rara e importante exceção é a pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT), da Universidade Federal de Minas Gerais (SILVA *et al.*, 2012). Nossa proposta, todavia, difere um pouco dessa pesquisa. Primeiro, porque buscamos seguir um caminho analítico alternativo, tratando, por exemplo, da questão do estigma. Segundo, porque trabalhamos com uma amostra diferente. Enquanto o GEFUT entrevistou 308 integrantes de torcidas organizadas de Minas Gerais, incluindo homens e mulheres de todas as idades, nós, conforme será retomado adiante, entrevistamos 804 integrantes de torcidas organizadas de São Paulo, incluindo apenas homens com idade entre 15 e 25 anos.

Ao mesmo tempo em que os nossos dados podem complementar os fornecidos pela pesquisa mencionada, eles são fundamentais para a reformulação das leis e documentos que embasam as atuais políticas de segurança para os eventos futebolísticos no Brasil. Afinal, eles podem fornecer uma caracterização mais apurada daqueles sobre os quais o estigma da violência recai. Uma vez justificada a relevância social e científica da pesquisa, cabe, agora, traçarmos um breve panorama da forma como o problema da violência no futebol tem sido compreendido pela produção científica nacional. Nas linhas que se seguem, apresentamos, sem nenhuma pretensão de exaustividade, algumas das principais contribuições da referida produção para a compreensão do assunto.

2 PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE VIOLÊNCIA ENVOLVENDO TORCEDORES DE FUTEBOL NO BRASIL

No Brasil, o futebol passou a ser estudado de forma mais sistematizada na década de 1980. Todavia, foi somente na segunda metade dos anos noventa que o campo científico brasileiro começou a se debruçar sobre a questão da violência envolvendo torcedores. No período, o tema já ocupava as manchetes dos principais periódicos brasileiros, sugerindo-nos certa morosidade da academia em antecipar sua atenção a temas de mobilização social (LOPES, 2012). Ainda hoje, os estudos sobre o assunto ocupam apenas uma pequena parte dos estudos sobre futebol. Prova disto é que, de acordo com o “Levantamento da produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007”, realizado pelo GEFUT, apenas 6% da produção sobre o tema aborda a questão da violência (SILVA *et al.*, 2012).

Além de exígua, a referida produção é constituída, em sua maioria, por estudos individuais e isolados, sendo raras as citações, contraposições de ideias, discussões ou críticas a outras pesquisas nacionais, o que dificulta o aprofundamento teórico-metodológico da área (LOPES, 2012). No entanto, apesar disso, o tema da violência no futebol brasileiro tem ensejado

férteis reflexões, que têm ajudado a avançar na sua compreensão. Entre outros fatores, tais avanços decorrem do fato de essas reflexões explicarem a referida violência relacionando-a com fatores econômicos, sociais, culturais e históricos mais amplos, que extrapolam aquilo que ocorre dentro do campo de jogo, ou seja, os fatores intrínsecos à estrutura simbólica e psicológica do jogo. Antes de nos atermos a esses fatores, é importante, contudo, indicarmos alguns números levantados pela literatura.

De acordo com Reis e colaboradores³, a maior parte das mortes decorrentes de confrontos relacionados ao futebol brasileiro envolve jovens do sexo masculino, e mais da metade delas (52,8%) foi ocasionada por armas de fogo. A intensificação do uso dessas armas entre torcedores data da segunda metade da década de 1980 – antes as armas utilizadas eram, quase sempre, armas brancas, pedras e/ou bastões de pau (PIMENTA, 1997). Não à toa, segundo os autores, as referidas mortes aumentaram abruptamente no começo da década de 1990. Esse aumento relaciona-se com o aumento da violência no país e, em particular, com o aumento da violência juvenil, marcada pelo fácil acesso ao uso de armas de fogo. O uso dessas armas, todavia, não parece ser consensual nem mesmo entre os grupos mais violentos. Assim como na Argentina, no Brasil, os integrantes mais velhos das torcidas organizadas parecem condenar (ao menos no plano discursivo) os mais jovens pelo uso das referidas armas. Ao analisar o contexto argentino, Moreira (2013) observa que tal uso é visto pelos primeiros como sendo legítimo apenas como instrumento de defesa, para proteger o patrimônio (como bandeiras e faixas) ou para resguardar a própria vida – no caso, por exemplo, de um torcedor ser encurralado por um número muito maior de adversários.

O aumento da violência no futebol brasileiro também pode estar ligado a um dado novo e preocupante: de acordo com Murad (2007), hoje em dia, existe, dentro de algumas torcidas organizadas, uma ligação entre alguns de seus integrantes (uma pequena minoria) com o tráfico de drogas. Além dessa ligação, o autor destaca que a impunidade e a corrupção podem estar contribuindo para a promoção da intolerância no futebol. Já Toledo (2012) levanta a hipótese de tal aumento relacionar-se com a atual crise da ética do trabalho “tradicional” e com o subsequente descomprometimento dos jovens com o corpo historicamente reificado pela moralidade do trabalho. Monteiro (2003), por sua vez, destaca que a violência no futebol pode ser atribuída a certo *ethos* guerreiro, que valoriza o confronto violento, a agressividade viril e, principalmente, a demonstração de superioridade física sobre o outro. Já Lopes (2012) chama a atenção para o caráter plural da violência no futebol brasileiro. Tratar-se-ia de violências. Por exemplo, o aumento no preço abusivo dos ingressos, uma vez que exclui as classes populares dos estádios, também seria uma forma de violência, ainda que nem sempre percebida como tal.

Finalmente, Reis (1998, 2004, 2005, 2006) observa que a violência no futebol brasileiro se relaciona com questões organizativas do espetáculo futebolístico e com a falta de acesso à educação de qualidade, à saúde, ao emprego e aos bens de consumo. Além disso, de acordo com a autora, vivemos, hoje em dia, em uma sociedade cada vez mais individualista e desprovida de significados e valores tradicionais (como os familiares e religiosos), na qual a violência emerge como uma das poucas possibilidades de afirmação identitária para alguns jovens. Neste sentido, o envolvimento desses jovens com a prática da violência ocorreria porque ela ofereceria uma forma de serem conhecidos e reconhecidos dentro de suas comunidades, ou seja, ofereceria *status* social. Além do mais, a violência seria uma importante fonte de excitação. Assim como outros autores, Reis também destaca a desigualdade social como um

dos principais fatores geradores da violência. Para chegar a essas conclusões, ela realizou, entre outras coisas, uma série de entrevistas, instrumento de pesquisa também adotado por nós, conforme indicaremos na apresentação do método.

3 METODOLOGIA

Para respondermos aos objetivos da pesquisa, adotamos uma metodologia quanti-qualitativa, que combinou pesquisas estatística (descritiva), bibliográfica, documental e de campo. Na pesquisa de campo, realizamos 804 entrevistas com torcedores organizados de três torcidas organizadas de clubes paulistas. Estas entrevistas foram realizadas em doze jogos. Nos meses de março de 2007 e de 2008, elas foram feitas em jogos do Campeonato Paulista. Nos meses de maio, julho e agosto de 2008, em jogos do Campeonato Brasileiro. Em 2008, também realizamos entrevistas em jogos da Copa Libertadores da América. Todas as entrevistas foram realizadas com torcedores cujos times eram mandantes dos jogos. O número de entrevistadores⁴ variou de nove a 14 por jogo, sendo que a variação do número de entrevistadores se deu pela disponibilidade da equipe. Esta foi formada por universitários (pós-graduandos e graduandos) de uma universidade paulista. Foram entrevistados 264 sujeitos⁵ da torcida A, 277 da torcida B e 263 da torcida C.

É importante destacar, aqui, que ocorreram mudanças significativas no futebol brasileiro entre o período de realização das entrevistas e o de redação deste artigo, em 2015. Entre elas, acentuou-se o processo de elitização do nosso futebol, expresso no aumento substancial do preço dos ingressos.

Segundo pesquisa realizada pela Pluri Consultoria, publicada no site da Universidade do Futebol (www.universidadedofutebol.com.br), o preço médio dos ingressos mais baratos praticados pelos clubes que disputaram a Série A do Campeonato Brasileiro de 2012 subiu 300% em relação aos 10 anos anteriores – sendo que, no mesmo período, a inflação foi de 73%, a cesta básica subiu 84% e o salário mínimo aumentou 183% (REIS; MARTINS; LOPES, 2015, p. 243).

Hoje em dia, os novos estádios brasileiros possuem muitas áreas exclusivas e poucos setores populares. Essas mudanças provocaram a reação das torcidas organizadas, que têm realizado uma série de protestos. Além desses protestos, em 2014, elas fundaram a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG), com o intuito de abrir diálogo com o poder público para debater questões como os valores dos ingressos, os horários dos jogos, a falta de transporte e a violência entre as torcidas. Evidentemente, essas mudanças podem ter impactado a forma dos jovens torcedores organizados enxergarem as suas próprias ações e o papel das torcidas organizadas e de outros atores na produção, transmissão e controle da violência – o que nos faz pensar na necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas.

Dito isto, é importante destacar que a abordagem dos sujeitos para a entrevista foi feita dentro dos estádios – nas imediações do portão de acesso ao setor de entrada dos torcedores organizados ou, em alguns casos, na própria arquibancada. O local variou em função do número de

4 A idade dos entrevistadores variou de 20 anos a 30 anos, com exceção de um entrevistador que tinha 50 anos e outro, 42. Todos os entrevistadores se apresentavam como estudantes universitários e, ao pedir autorização para a realização da entrevista, informavam o entrevistado que ela seria utilizada, única e exclusivamente, para fins acadêmicos.

5 Todos os entrevistados foram informados dos objetivos da pesquisa, todos estavam vestindo alguma identificação da torcida organizada A, B ou C e todos foram entrevistados individualmente, sendo que a maioria das entrevistas ocorreu antes do início do jogo, dentro do estádio, no setor destinado exclusivamente às torcidas organizadas. Algumas entrevistas foram realizadas nesse mesmo setor durante o intervalo e no final do jogo. Aqui, cabe observar que o momento mais adequado para entrevistas com esse tipo de público é o horário que antecede o jogo, seguido pelo do intervalo e pelo final do jogo. Neste último caso, o número de torcedores disponíveis para conceder entrevistas é significativamente menor.

torcedores já na arquibancada ou nas zonas de circulação. A participação se deu por livre adesão após a consulta por meio de pergunta do entrevistador se o sujeito aceitava ser entrevistado para fins acadêmicos. Entrevistamos apenas jovens do sexo masculino, entre 15 e 25 anos, pois Murad (2007) afirma ser esta a faixa etária que se envolve em brigas em dias de jogos, mesmo grupo apontado pelo relatório do Senado da Espanha (ESPAÑA, 1999). A nosso ver, dar voz para esse grupo específico torna-se ainda mais importante num contexto de criminalização crescente da juventude brasileira, em que se discute a redução da maioridade penal.

Reconhecemos, todavia, a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que abarquem a visão dos outros integrantes das torcidas organizadas. Por exemplo, mesmo que as mulheres dessas torcidas não sejam, na maior parte das vezes, as promotoras ou partícipes dos eventos de violência física, elas têm “muita coisa a dizer” acerca do tema. Na realização das entrevistas, adotamos um roteiro estruturado, com 21 questões fechadas e quatro abertas, sendo que, para este trabalho especificamente, foram analisadas apenas seis questões fechadas e duas questões abertas, que respondem aos objetivos propostos. Para a análise dos dados estatísticos (frequência), utilizamos o programa SPSS.

4 RESULTADOS

Uma vez explicitada a metodologia, cabe, agora, apresentarmos os resultados da pesquisa. A fim de facilitar sua leitura, dividimos essa apresentação em duas subpartes: na primeira, tratamos da caracterização dos torcedores entrevistados e, na segunda, das suas percepções acerca da violência no futebol brasileiro e das relações desta com os meios de comunicação.

4.1 Caracterização dos torcedores

Entre os 804 torcedores entrevistados, os menores de idade são minoria (26,9%) – o que contradiz os depoimentos que líderes de torcidas organizadas nos deram no início da pesquisa. Os jovens de 25 anos são a maior parte do público entrevistado (13,8%), seguidos dos jovens de 18 anos de idade. A distribuição etária dos entrevistados pode ser observada na tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição etária dos entrevistados

Idade (anos)	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
15	49	6,1	6,1
16	69	8,6	14,7
17	98	12,2	26,9
18	106	13,2	40
19	76	9,5	49,5
20	74	9,2	58,7
21	71	8,8	67,5
22	56	7	74,5
23	49	6,1	80,6
24	45	5,6	86,2
25	111	13,8	100
Total	804	100	

Fonte: dados da pesquisa

A respeito da organização familiar, constatou-se que a maioria dos torcedores (78,7%) não é chefe de família. Sobre seu estado civil, 93,4% afirmaram ser solteiros e 6,5%, casados. Sendo assim, há um grupo entre os torcedores organizados que, mesmo não tendo contraído matrimônio, é responsável por sua família. A grande maioria dos entrevistados (87,5%) declarou que mora com pai e mãe ou com um deles, ou seja, com sua família original. 7,3% constituíram família própria, 1,5% mora com outros parentes, 3,1% vivem sós e 0,6% mora com outra pessoa.

Na faixa etária pesquisada, era esperado que grande parte dos entrevistados estivesse estudando entre o ensino médio e o ensino superior. Os dados observados na Tabela 2 apresentam uma compatibilidade entre faixa etária e nível de escolaridade esperado, sendo que 32% já concluíram o ensino médio, 31,5% tinham ensino médio incompleto, 18,9% tinham superior incompleto, 8% tinham superior completo, 0,5% tinha pós-graduação e 0,3% era analfabeto⁶. Constata-se, assim, o predomínio de bom nível de escolarização entre os jovens pesquisados. Também se constatou que os torcedores em processo de escolarização estão em uma etapa escolar compatível com a idade, com exceção dos analfabetos. A distribuição completa dos níveis de instrução pode ser observada na tabela a seguir.

Tabela 2 – Nível de instrução

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Analfabeto	2	0,2	0,3	0,3
1º Ciclo Ensino Fundamental Incompleto	2	0,2	0,3	0,6
Ensino Fundamental Incompleto	34	4,2	4,3	4,9
Ensino Fundamental Completo	34	4,2	4,3	9,1
Ensino Médio Incompleto	251	31,2	31,5	40,6
Ensino Médio Completo	255	31,7	32	72,6
Superior Incompleto	151	18,8	18,9	91,5
Superior Completo	64	8	8	99,5
Pós-Graduação	4	0,5	0,5	100
Total	797	99,1	100	
Não responderam	7		0,9	

Fonte: dados da pesquisa

4.2 Percepções dos torcedores

Quando os torcedores foram perguntados sobre quais seriam os motivos da violência em dias de jogos⁷, 35% responderam ser a rivalidade, o fanatismo e/ou a provocação das outras torcidas; enquanto que 31,6% responderam ser a falta de educação dos torcedores,

⁶ Segundo dados disponíveis no site da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), em 2004, a região metropolitana de São Paulo tinha uma população de 18,9 milhões de habitantes, sendo que o grupo de pessoas entre 15 e 17 anos que concluíram o ensino fundamental era de 68,1% e de jovens de 18 e 19 anos que concluíram o ensino médio era de 37,9%.

⁷ Esta pergunta era uma das duas perguntas abertas, descrita na metodologia. O entrevistado respondia espontaneamente os motivos. Todos eles foram anotados na folha da entrevista e, posteriormente, categorizados pelos pesquisadores. Essas categorias foram sintetizadas em seis grandes categorias, apresentadas na Tabela 3.

sua ignorância e/ou a estupidez. Muitos deles também afirmaram que parte dos torcedores só vai aos jogos com a intenção de brigar, ou seja, apontaram motivos relacionados aos próprios torcedores. Uma parcela menor dos entrevistados (15,9%) atribuiu a violência nos dias de jogos a fatores externos – entre eles, a violência e o despreparo da polícia, a mídia, a diretoria dos clubes, a falta de planejamento e de segurança, o desempenho dos times e a impunidade. 8,2% dos entrevistados declararam não saber a resposta e 5,0% atribuíram aos problemas sociais do país, afirmando que a violência não ocorre apenas no futebol. Finalmente, 4,4% dos entrevistados afirmaram que as drogas e bebidas alcoólicas contribuem para a violência⁸.

O percentual acumulado pode ser visto na Tabela 3, sendo que, conforme sugerimos acima, 66,5% atribuíram os motivos da violência ao próprio torcedor.

Tabela 3 – Motivo(s) da violência nos dias de jogos

Motivos	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
Rivalidade entre times e torcidas	281	35	35
Falta de educação dos torcedores/ ignorância, estupidez/ só vêm para brigar	254	31,6	66,5
Problemas sociais/ reflexo da sociedade/ não existe só no futebol	40	5	71,5
Fatores externos: polícia violenta ou despreparada/ mídia/ diretoria dos clubes/ falta de planejamento e de segurança/ impunidade aos violentos/ desempenho time	128	15,9	87,4
Bebida e drogas	35	4,4	91,8
Não sabe	66	8,2	100
Total	804	100	

Fonte: dados da pesquisa

Quando perguntados se a mídia, de um modo geral, contribui para a violência no futebol, 77,2% disseram que sim e justificaram sua resposta. Destes, 49,1% afirmaram que a mídia faz isto inflamando a rivalidade clubística, através de provocações que visam aumentar a audiência. Nesta questão, foi interessante a menção recorrente aos jornalistas Flávio Prado e Milton Neves, que, segundo os entrevistados, são incentivadores da violência por tratarem de maneira estigmatizadora, discriminatória e preconceituosa os torcedores organizados.

15,3% disseram que a mídia incentiva a violência no futebol com suas críticas à torcida organizada, só mostrando suas dimensões negativas e rotulando sistematicamente seus integrantes de vândalos. 12,8% dos entrevistados responsabilizaram a mídia pela violência em dias de jogos, afirmando que ela manipula informações, não fala a verdade e/ou cria fatos e realidades. 19,4% dos entrevistados disseram que a mídia não incentiva a violência; pelo contrário, ela incentivaria a paz e mostraria a verdade. 3,2% não sabiam e 0,1% acha que sim, que a mídia incentiva a violência, mas não justificou a resposta. A Tabela 4 traz a síntese destes dados.

⁸ Interessante notar que, nas respostas, os entrevistados dissociaram drogas de bebidas alcoólicas.

Tabela 4 – A mídia de um modo geral (jornal, rádio, TV) contribui para a violência no futebol? Por quê?

	Frequência	Percentual válido	Percentual acumulado
Sim, estimulando a violência	395	49,1	49,1
Sim, pelas críticas à torcida	123	15,3	64,4
Sim, manipulando informações	103	12,8	77,2
Não, ela incentiva a paz	156	19,4	96,6
Não sabe	26	3,2	99,9
Acha que sim	1	0,1	100
Total	804	100	

Fonte: dados da pesquisa

5 DISCUSSÃO

Os dados analisados confirmam as pesquisas de Reis (2000; 2006) e demonstram que os jovens torcedores organizados têm um nível de instrução compatível com o esperado para sua faixa etária e que a maioria tem uma ocupação profissional (74,8%) ou é estudante (14,8%). Estes dados permitem-nos problematizar a relação entre tempo livre e pertencimento a uma torcida organizada. Ao analisar o contexto colombiano, Bustos e colaboradores (2011) afirmam que dispor de tal tempo é condição necessária para o exercício de uma militância ativa e comprometida com as torcidas locais. Simultaneamente, sustentam que esse exercício constitui uma forma de seus integrantes “desafogarem suas energias”, dado que muitos deles não estudam ou estão desempregados. No contexto brasileiro, todavia, essa explicação parece não encontrar respaldo empírico. Afinal, conforme acabamos de destacar, a maior parte dos torcedores organizados tem uma ocupação profissional ou é estudante – o que (supostamente) reduz seu tempo livre.

Além de indicar a particularidade do “caso brasileiro”, nossos dados contribuem, em certa medida, para desmitificar o discurso, discriminatório e persecutório, amplamente difundido pelos meios de comunicação, de que os referidos torcedores são vagabundos e desocupados. Ao mesmo tempo em que dissimulam a real situação desses torcedores, esses rótulos servem para unificá-los em uma identidade coletiva “deteriorada” (GOFFMAN, 1988), que amplifica as diferenças “deles” em relação a “nós”, estigmatizando-os. Melhor dizendo, tais rótulos contaminam toda a sua identidade social com a marca de apenas um de seus (supostos) atributos: aquele que é socialmente desvalorizado (LOPES, 2013).

Provavelmente, a exigência de tempo livre recai mais intensamente sobre os integrantes mais ativos das torcidas organizadas, envolvidos diretamente com toda uma série de atividades realizadas dentro dessas instituições – tais como organizar (e ir nas) caravanas, planejar a festa nas arquibancadas, confeccionar faixas e bandeiras, preparar festas e eventos, participar de reuniões com outras instituições, como o poder público, monitorar e fiscalizar ações econômicas e administrativas da entidade etc. Todavia, para não reproduzirmos o discurso discriminatório e persecutório citado anteriormente, seria preciso realizar novos estudos empíricos. Até mesmo porque, por ocasião de outra pesquisa, tivemos problemas para agendar entrevistas com dirigentes de torcidas organizadas, em função justamente de sua ocupação profissional, o que nos indica que eles estão plenamente inseridos no “mundo do trabalho”.

Além do mais, seria importante verificar como essas atividades são percebidas pelos membros mais ativos das torcidas organizadas. É possível que eles, de modo distinto do senso comum, as percebam como sendo uma forma de trabalho. Inclusive, segundo a pesquisa do GEFUT (SILVA, 2009), os torcedores organizados com cargo administrativo dentro das torcidas constituem uma minoria (10%) – o que, provavelmente, sobrecarrega esse grupo de atividades da torcida. Por isso mesmo, consideramos necessário o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a noção de tempo livre no contexto das torcidas organizadas, uma vez que essa noção parece ensejar múltiplos significados, não podendo ser reduzida nem a uma negação das obrigações e dos deveres nem à negação da fruição e do entretenimento (TOLEDO, 1996).

Os dados analisados também desmistificam a ideia – amplamente divulgada pelos meios de comunicação – de que os jovens torcedores organizados não são “gente de família”, como se tratasse de pessoas sem raízes e sem relações primárias. Conforme indicamos, entre os torcedores entrevistados, existe uma quantidade razoável de chefes de família. Além do mais, a grande maioria tem uma família constituída, vive com pai e mãe e irmãos ou com um dos pais e irmãos. Diante disto, podemos afirmar que, muito mais do que representar a realidade desses torcedores, a referida ideia serve como uma estratégia discursiva para “vilanizar” os torcedores em questão, retirando deles a aura de dignidade moral habitualmente atribuída a “gente de família” (LOPES, 2013). Em última instância, os resultados referentes às características dos jovens torcedores organizados sugerem que eles são pessoas muito mais “integradas” e próximas a “nós” do que da forma como habitualmente são representados.

Em relação às respostas dos entrevistados sobre as causas da violência no futebol, é preciso, antes de analisá-las, fazer uma ressalva metodológica: não se trata, aqui, de, ingenuamente, assumir sua fala como a verdade sobre o tema, mas sim de verificar como eles as percebem. Feito este esclarecimento, cabe observar que o fato de a maioria dos entrevistados colocar os próprios torcedores (rivalidades entre eles, sua falta de educação e o consumo de bebida e/ou drogas) como o alfa e ômega da explicação indica a existência de um “fundo discursivo” comum, que expressa o ideário liberal, que individualiza a violência ao invés de compreendê-la à luz das estruturas sociais. Aqui, todavia, não se deve cair naquilo que Thompson (2000) denominou de “mito do receptor passivo”, que faz crer que os receptores da mídia absorvem tudo o que passa diante deles na tela ou no papel. Em outras palavras, o fato de a maioria dos entrevistados culpabilizar os próprios torcedores não quer dizer que eles apenas digam “sim” a uma interpelação.

Não é nosso objetivo nos aprofundarmos na questão, mas o valor atribuído pelos torcedores organizados às próprias ações não é, necessariamente, o mesmo do que o atribuído por outros atores – como os meios de comunicação. Tal como ocorre no contexto argentino (ZUCAL, 2010), ao invés de condenadas, as brigas parecem constituir uma marca honrosa de pertencimento grupal – um signo de prestígio – para alguns integrantes das torcidas organizadas brasileiras. Ao mesmo tempo, parecem ser condenadas por outra parte deles. Os trabalhos de mediação de conflito e de promoção da paz realizados pela ANATORG são provas disto. Na verdade, parece haver, dentro do próprio universo das torcidas organizadas, uma disputa moral em torno das práticas violentas no futebol (MOREIRA, 2013). Aqui, é interessante notar que, mesmo entre aqueles que não condenam completamente essas práticas, não parece haver sequer consenso sobre os atores, as armas e as circunstâncias legítimas. Essa discussão, todavia, escapa dos estreitos limites deste trabalho, precisando ser aprofundada em novos estudos.

Quanto às respostas dos entrevistados à pergunta sobre os meios de comunicação, é importante observar que o discurso de que esses meios estimulam a violência encontra eco no campo científico. De acordo com Murphy, Williams e Dunning (1994), no final da década de 1950, a imprensa britânica passou a dar maior cobertura à violência no futebol, ampliando o número de matérias sobre o assunto (até então, o comportamento do público era frequentemente elogiado, o que reforçava o bom comportamento dos torcedores e atraía torcedores pacíficos para os estádios). Com a amplificação dos registros de episódios de violência – acentuada em meados da década de 1960, com a Copa do Mundo da Inglaterra – e com a abordagem sensacionalista dada pela imprensa à questão, reforçou-se a ideia de que os estádios eram lugares inseguros, onde a barbárie reinava, contribuindo para atrair ainda mais torcedores violentos aos estádios. Alabarces (2012), por sua vez, critica a cobertura dos meios de comunicação argentinos, que, frequentemente, dramatizam o jogo de futebol, afirmando coisas do tipo: “é ganhar ou morrer”. No contexto brasileiro, essa retórica dramática é, de acordo com Lopes (2013), amplamente utilizada na cobertura da violência, ajudando a caracterizar o torcedor acusado de violento como uma personagem “detestável”, que deve ser eliminada, a todo custo, do “corpo social”.

Ao colocar em xeque o comportamento e a credibilidade dos meios de comunicação, consideramos que os jovens torcedores organizados retiram os pontos de vista publicados na mídia da condição de verdades morais inquestionáveis, ao mesmo tempo em que complexificam o problema da violência, rompendo com uma visão simplista, unilateral e maniqueísta dela. Aqui, não podemos deixar de enxergar, portanto, uma forma de resistência e protesto desses torcedores contra aqueles que habitualmente ocupam posições de poder na sociedade. No entanto, como a relação de forças entre essa visão de mundo e a anteriormente citada (que coloca eles próprios como os protagonistas dos atos de violência) irá se comportar ao longo do tempo, é uma questão em aberto, que só poderá ser respondida com mais precisão com o desenvolvimento de novas pesquisas.

6 CONCLUSÕES

O perfil descrito dos jovens torcedores organizados nos leva a perceber que muitas das “ideias feitas” desses torcedores – as de que eles seriam “vagabundos”, “desocupados”, “gente sem instrução”, “sem família” etc. – são marcadas por generalizações que encontram pouco respaldo empírico. Deste modo, mais do que propriamente representar a realidade desses torcedores, essas ideias servem para criar atitudes discriminatórias contra eles – o que nos faz pensar que o debate público em torno da violência no futebol brasileiro deve ser reformulado, passando a pautar-se por princípios éticos que busquem evitar os impactos eventualmente degradantes a esses torcedores. Para o estabelecimento de políticas de segurança mais justas, democráticas e eficientes, não podemos perder de vista, em hipótese alguma, que a maioria dos torcedores organizados não é delinquente, do mesmo modo que existem também torcedores violentos que não pertencem a torcidas organizadas. Os torcedores organizados são, antes de tudo, cidadãos, de tal modo que seus direitos e deveres devem ser resguardados, independentemente de serem, com frequência, rotulados negativamente pelos meios de comunicação e, muitas vezes, percebidos com desconfiança pela opinião pública.

A fim de mudarmos esse cenário de incompreensão e intolerância, consideramos fundamental que a academia não meça esforços em desenvolver novas pesquisas que ofereçam

mais substância para que o fenômeno da violência possa ser mais bem compreendido. Seria, por exemplo, de grande valia estudos que se propusessem a analisar o que pensam os policiais que trabalham em dias de jogos. Será que a violência policial não estaria atrelada a uma visão preconceituosa dos torcedores organizados, fundamentada em rótulos estigmatizantes e equivocados? Também advogamos a necessidade de novos estudos que enunciem e denunciem os abusos, discursivos ou não, cometidos contra o torcedor – especialmente, contra os torcedores organizados. Finalmente, defendemos o estabelecimento de um amplo diálogo da academia com outros atores da sociedade civil e, também, com o Estado, a fim de estabelecer códigos de ética que orientem o debate público em torno do tema da violência no futebol e orientem a ação da mídia. Com perseverança, acreditamos que é possível desconstruir as armadilhas da ignorância e do preconceito, duas das mais nefastas formas de violência.

REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- BUSTOS, Alejandro Villanueva; DÍAZ, Alirio Amaya; MELENDRO, Nelson Fabían Rodríguez. **Hasta que el cuerpo aguante**: un análisis de las barras de fútbol capitalinas. Bogotá: Uniediciones, 2011.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Quest for excitement**: sport and leisure in the civilizing process. Cambridge: Blackwell, 1993.
- ESPAÑA. **Dictamen de la Comisión Especial de Investigación de la Violencia en los Espectáculos Deportivos con Especial Referencia al Fútbol**. Madrid, Senado, 1990.
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Maior população negra do Brasil**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 589f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público sobre violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo**, v. 27, n. 4, p. 597-612, out/dez. 2013.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar**: raça rubro-negra! uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MOREIRA, Verónica. Así cualquiera tiene aguante, de fierro tiene aguante todo el mundo: disputas morales sobre las prácticas violentas en el fútbol. In: ZUCAL, José G. (Comp.) **Violencia en el fútbol**: investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: EGodot, 2013. p. 41-68.

- MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John; DUNNING, Eric. **O futebol no banco dos réus**. Oeiras: Celta, 1994.
- MURAD, Mauricio. **Violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais. São Paulo: Vogal, 1997.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. 1998. 127 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 1998.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **A violência nos estádios**: estudo comparado entre Brasil e Espanha. 2004. 127f. Tese (Livre-docência em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2004.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. *In*: DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 105-130.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- REIS, Heloisa Helena Baldy; MARTINS, Mariana Zuaneti; LOPES, Felipe Tavares Paes. Mercantilização e militarização dos eventos de futebol: reflexões sobre o Código de Conduta no Estádio para a Copa do Mundo FIFA Brasil 2014. *In*: MARQUES, J. C. (Org.). **A Copa das Copas?** Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. São Paulo: Ludens, 2015. p. 227-248.
- SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). **Levantamento da produção sobre o futebol na produção das ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG, 2009.
- SILVA, Silvio Ricardo da *et al.* Torcedores organizados em Belo Horizonte. *In*: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA Tiago Felipe da. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 23-48.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annabulme, 2003.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010. *In*: HOLLANDA, Bernardo Buarque de *et al.* **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 122-158.
- ZUCAL, José Garriga. **Nosotros nos peleamos**: violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.

Apoio:

Ministério do Esporte, Governo Federal.